

UM GRUPO AMEAÇADO: AS ARARAS AZUIS (*CYANOPSITTA* E *ANODORHYNCHUS*)

Carlos YAMASHITA¹

São conhecidos por peles 4 araras azuis, representados por dois gêneros (*Cyanopsitta* que é monotípico e, *Anodorhynchus* com três espécies conhecidas).

A primeira citação para *Cyanopsitta* foi feita durante a ocupação holandesa do Ne, onde MACGRAFF faz referência a uma variedade de "maracanã" azul acinzentado, provavelmente exemplar de cativo nos anos 1600. *C. spixii* foi coletado pela primeira vez pelo naturalista Spix em 1819 nas cercanias de Juazeiro. Esta espécie é conhecida por poucas peles provinda de cativo e algumas observações de campo. Acreditava-se que a mesma tinha uma distribuição muito ampla, de cerca de 300.000 km² em área de cerrado, buritizais, mata semi-decídua e caatinga. Para tal distribuição teria que ser uma espécie muito generalista mas as evidências mais recentes indicam que vive num tipo de vegetação da caatinga muito especial, que é uma formação de caribeiras (*Tabebuia caraiba*), que cresce ao longo dos riachos intermitentes.

Esse tipo de vegetação é limitado, linear e o único habitat na área que tem água, portanto mais importante para a ocupação humana histórica. Pelo projeto RADAM, essas áreas são classificadas de estepe parque. Tais argumentos explicam bem a raridade natural da ave, assim como sua vulnerabilidade que praticamente a extinguiu, com apenas um remanescente conhecido. (JUNIPER & YAMASHITA, 1990) *Oryx* 24 (4) 224-228.; (JUNIPER & YAMASHITA, 1991. *Bird Conser. Inter.* 1:1-9). Atualmente o biólogo Marcos Da Ré está trabalhando no local através do Comitê Permanente de Recuperação da ararinha azul (*Cyanopsitta spixii*).

As araras do gênero *Anodorhynchus* são muito especializadas ao endosperma de Palmae, independente das formações fitogeográficas em que ocorrem. As sementes são selecionadas pelo tamanho e espécies de palmeiras, sem lignina entremeada no endosperma. As palmeiras precisam ser coloniais e praticamente fornecer cocos durante todo o ano (YAMASHITA & VALLE in prep.).

Essas araras são alopátricas. (VIELLIARD, 1978. *Alauda*).

Para a espécie do sul, *A. glaucus*, os referenciais são os relatos feitos durante fins do Sec. XVIII por Sanchez Labrador e Felix de Azara, que essa arara habitava as barrancas do Rio Paraná e Uruguai e "son mui abundantes". Pelo conhecimento que temos hoje, sabemos que esse grupo é muito conspicuo, com muita fidelidade ao local de alimentação (palmares) e rotas de vôo. Depois da introdução do gado na bacia do Prata, as formações de palmeiras de *Butia yatay* não mais se

regeneraram e toda a formação é senescente (HAUMAN, 1919. *Physis* (4) 602-606.; CASTELLANOS & RAGONEZI. *De Lilloa* (20) 251-261).

A. leari foi descrita por Bonaparte, baseado em espécimes que chegaram aos zoológicos da Europa no sec. XIX. Até SICK et alii, 1987 (Rev. Bras. Zool. 3(7): 441-463), descobriram a pátria em 1978, não se conhecia de onde as araras eram provenientes. A alimentação dessa espécie é baseada em uma espécie de palmeira (*Syagrus coronata*). Também o mesmo habitat utilizado pelas araras é o melhor para o homem se estabelecer. A ocupação da região é datada desde o tempo dos bandeirantes (final de 1700). Com a introdução de caprinos e vacum, a regeneração dos palmeirais é muito afetada. Provavelmente o mesmo que aconteceu com *A. glaucus* esteja ocorrendo hoje com *A. leari*. A interpretação feita pelos naturalistas no Vice Reino de La Plata, vendo as araras voando diariamente, em bandos, sempre causa a impressão que são muitos indivíduos. Mesmo no caso de *A. leari* que tem a população estimada em cerca de 60 indivíduos (YAMASHITA, 1987. *Wilson Bull* 99:280-282; BRANDT & MACHADO, 1990. *Ararajuba* 1:57-63). Conhecendo bem o habitat e comportamento é difícil não localizá-las no campo.

Hoje a Fundação Biodiversitas, com a Conservation International, estão trabalhando com programas de regeneração dos palmeirais e educação ambiental na região.

A terceira espécie tem uma grande distribuição geográfica, mas levando em conta que ocorrem somente em palmares de espécies coloniais com o endosperma livre de lignina, a distribuição é fragmentada. *A. hyacinthinus* foi muito procurada pelo comércio, chegando a um grau que torna difícil ser otimista em relação à recuperação dessas populações naturalmente. Uma possibilidade seria manejar um dos ovos, porque a postura consta de dois mas apenas um dos filhotes sobrevive. A perda do 2º filhote ocorre na 1ª semana.

Até os anos 70 em geral, apenas filhotes eram retirados do ninho. Depois dos anos 70, começaram as capturas de aves adultas, uma vez que são muito fiéis aos locais de alimentação e bastante gregárias. Com a crescente demanda de mercado internacional, ficava mais fácil capturar aves adultas no mato; alimentando-as com coco a mortalidade é baixa. A partir do momento que chega aos intermediários, a mortalidade é alta porque boa parte não se adapta a uma nova alimentação por ser muito especializada em cocos.

Mesmo visitando o Pantanal, tem-se a impressão que são muitas araras azuis, porque estão a porta das fazendas ou currais. Mas isto porque as aves são muito

(1) IBAMA/SUPES/SP.

fiéis aos acurizais (*Attalea [Scheelea] phalerata*) e bocaiuvas (*Acrocomia aculeata*). Essas palmeiras crescem nos terrenos pouco acima da inundação, onde também o homem constrói suas instala es, devido   limita o de terreno utilizável.

Devido   captura ocorrida nas duas últimas décadas, existem muitos habitats abertos e a estimativa populacional   de 3000 indivíduos (MUNN et alii. 1990. *Audubon Report*. 404-419). Provavelmente o número de exemplares em cativeiro seja três vezes o numero de indivíduos em vida livre.

Torna-se necessário implantar projetos de conserva o de habitats (replanteio de palmeiras a médio e longo prazo devido ao pastoreio, tentando igualar a taxa de recrutamento próxima   taxa de mortalidade e, manuten o dos sítios de nidifica o), melhoria no manejo de pastagens naturais de forma a diminuir a pressão sobre áreas florestais e, educa o ambiental em todos os níveis.